

# C I N E M A

## comentários

Esta época cinematográfica, como era de esperar, tem sido particularmente má. O cinema francês está praticamente paralizado. Contudo ainda vimos **Fera Humana**, de Jean Renoir.

A força e a humanidade daquele cineasta estavam em **Fera Humana** condicionadas pelo argumento já envelhecido de Zola. Mesmo assim, Renoir transmitiu-nos num filme de raro sentido cinematográfico, sugestões profundamente vivas. O domínio da distância, a potência da máquina são-nos dadas de forma surpreendentemente bela. O interrogatório de um vagabundo acusado de um crime que não cometeu e a sua defesa constituem uma das cenas mais dramáticas, mais humanas e mais bem feitas em cinema.

**Fera Humana** não vale **A Grande Ilusão**, evidentemente, mas não envergonha o verdadeiro representante do actual cinema francês, Jean Renoir.

★

Outro tanto se não poderá dizer de **A Grande Valsa**, um filme de Julien Duvivier, feito na América. **A Grande Valsa** é com efeito a negação de toda a obra de Duvivier. O grande realizador de **Poil de Carotte** e mesmo de **Carnet de Baile** dá-nos neste filme uma historieta musicada, cantada e declamada sem originalidade e sem interesse. Para cúmulo a interpretação é má e a sonorização pouco cuidada.

★

Mais um filme dos irmãos Marx: **Os Marx no Circo** demonstra que a farsa americana tem nos três irmãos Marx os seus melhores animadores. A loucura desenfreada, os delírios de três quasi-loucos, dão ao filme qualidades cómicas excepcionais. No entanto, verifica-se uma espécie de vazio, em todos os filmes destes grandes actores. O cómico sem mais preocupações parece-me insuficiente matéria para encher um filme.

Embora nos filmes dos Marx se note que o cómico não é obtido à custa do sacrifício de ninguém, como nos de Bucha e Estica, por exemplo, parece-nos preferível o caminho de **Sua Excelência o Vagabundo**, que vimos o ano passado, farsa que reúne às qualidades cómicas um sentido crítico construtivo.

### A DEBATIDA QUESTÃO DE «NÃO O LEVARÁS CONTIGO»

Já por várias vezes aqui temos chamado a atenção para a vantagem que representa o desenvolvimento da técnica do cinema americano. Temos também afirmado que o facto deste cinema possuir uma técnica evoluída e ser uma arte nitidamente colectiva lhe confere características próprias de uma arte pronta a desempenhar um papel de acôrdo com as necessidades do presente e do futuro.

É preciso notar que tais características do cinema americano resultaram principalmente da concorrência. A concorrência, a luta pelos mercados, maior que na Europa, obrigou os produtores a melhorarem constantemente a qualidade dos filmes, a aperfeiçoarem as suas máquinas. A «Warner Bros» lançou no mercado os primeiros filmes sonoros. Logo as outras empresas tiveram de lhe seguir o exemplo.

A concorrência levou o cinema a desenvolver-se e a aperfeiçoar-se. Por outro lado, os grandes produtores, passaram a dispor de uma **mercadoria** de qualidades tão apreciáveis que, além de lhes dar enormes lucros era ainda uma maneira de fabricar a opinião. Os realizadores são apenas assalariados que fazem o que lhes mandam, com maior ou menor perícia. Facilmente se vê que somente em condições diversas, quando o cinema estiver ao serviço de todos e deixar de estar ao serviço de **alguns**, passará a desempenhar verdadeiramente o seu papel, a sua missão de veículo de cultura, fonte inexgotável de ensinamentos e sugestões.

O filme **Não o levarás contigo**, de Frank Capra, não foge a este condicionalismo. Se é verdade que Capra tem certa liberdade na direcção dos seus filmes é bom não esquecer que ele é presidente da Academia Americana de Cinema...

Se ele tem facilidades não é por ser um realizador talentoso—muitos outros cineastas possuem talento, na grande Democracia dos trusts—mas porque o seu espírito não colide com os interesses dos grandes produtores.

A exibição de **Não o levarás contigo** em Portugal despertou desusado interesse, polémicas, louvores entusiastas. A. Lopes Ribeiro escreveu na «Revista de Portugal» que o nome de Capra é um nome popular, que toda a gente conhece. Alberto Strindman, n' **O Diabo**, considerou **Não o levarás contigo** das melhores obras da cinematografia americana. Na **Seara Nova**, no **Pensamento**, vários críticos escrevem sobre o filme, polemizam. Ora, a-pesar-de tanto barulho levantado à sua volta, o último filme de Frank Capra não nos parece de modo nenhum corresponder ao eco produzido.

Realmente, **Não o levarás contigo** não é um filme banal de série, está muito bem feito, tem francamente graça. É agradável de ver. Quanto a ser um filme de crítica social, revolucionário, discordamos inteiramente; quanto a possuir figuras «duma inspiração de nítido recorte chaplinesco» achamos exagêro ridículo.

**Não o levarás contigo** é um filme reaccionário e como comédia inferior a outras comédias americanas, incluindo nestas **Doido com juízo**, também de Capra. Não podemos tomar a sério a afirmação citada de Alberto Strindman, que aliás consideramos um bom crítico. Então **Não o levarás contigo** pode comparar-se a **Eu sou um evadido**, a **O Denunciante**, a **Três camaradas**, a **Ruas de Nova York**, a **Pequenos Vagabundos**?

A história do filme é contada de maneira amena, é certo, mas com todos os visos de autêntica. Há ali personagens não apenas de «**uma realidade poética**» como pretende o crítico de «**Pensamento**» mas de uma realidade falsificada, o que é bastante diferente. Em **Não o levarás contigo** há uma efectiva contradição entre a maneira de encarar a vida de uma família de milionários e uma família de proletários. Simplesmente, os Vanderhof não são uma **verdadeira** família de proletários, como o banqueiro só é aparentemente um banqueiro. Isto é feito com o premeditado propósito de tirar conclusões falsas: fazer a «apologia da ociosidade», como notou o crítico da «Revista de Portugal», e mostrar que a vida dos milionários é mais digna de dó do que de inveja.

A-final, Frank Capra mostra com este filme, qualidades excepcionais de mistificar as multidões que esperam ver tratados nas obras que lhe apresentam os assuntos que mais as preocupam. Realmente temos de confessar que **Não o levarás contigo** é uma mentira muito bem feita. Mas a realidade está deturpada e as contradições que se notam tem de ser fatalmente falsas. A cena do tribunal, por exemplo, onde Neto Soares e Alberto Strindman quiseram ver uma cena de significado profundamente social (a recusa de Vanderhof receber do milionário o pagamento da multa, que o próprio milionário provocara) é apenas uma manifestação de orgulho estúpido e uma manifestação clara de inconsciência de classe.

Vanderhof, que se apresentara solidário com os inquilinos do seu bairro, não querendo vender o seu prédio ao **trust** do aço, aparentando que não o fazia por solidariedade, desmascara-se a certa altura, mostrando que é apenas um egoísta sentimental. O banqueiro é também um sentimental, que, afinal se converte aos hábitos dos «doidos sem juízo», que são os Vanderhof. O pior é que os personagens nos são habilidosamente mostrados como figuras simpáticas, exemplos a seguir.

Mesmo como comédia, onde se encontra o equilíbrio, a graça **natural**, o poético de certas cenas de **Doido com Juízo**?

Admirar uma obra só porque está bem feita sem atender ao seu conteúdo, seria atribuir-lhe uma finalidade em si própria, abstraído da sua acção.

—Mas a arte, os valores artísticos...

Sim, a arte, os valores artísticos. Mas não quando ao serviço de burlões. E o sr. Frank Capra foi, neste filme, um artista... burlão!

MANUEL DE AZEVEDO